

Título da prática

As Candances

Matrícula

Maria Moraes 327.302-6

Sarah Jonh 298.677-6

Autores

Maria do Carmo de Moraes Mata Rodrigues

Sarah Jonh da Silva

Cargo

PEFs

Email e telefone

mariamoraiss@yahoo.com.br (21) 99649-4181

sarah.silva@rioeduca.net (21) 98800-7933

Minibio

Maria Moraes – Professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro, Tutora do Consórcio Cederj no curso de Licenciatura em Pedagogia e doutora em Educação pela UERJ/ProPEd.

Sarah Jonh - Professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro, Graduada e Licenciada em Letras – Literatura pela UFRJ

Fotos das autoras

CRE

Segunda

Unidade escolar

GET Ciep Presidente Tancredo Neves

Anos

Quintos

Objetivo em consonância com as leis artigo 26- A da lei 9.394/96 LDB:

- Desenvolver pensamento crítico acerca do processo de invasão das terras indígenas e do processo de escravidão do povo africano;
- Compreender as marcas de racismo mantidas pela sociedade;
- Combater o racismo em nossa sociedade através da educação;
- Conscientizar os estudantes da estrutura e do funcionamento do racismo e desenvolver neles o reconhecimento, a crítica e o combate às atitudes racistas na sociedade;

Habilidades curriculares:

- Atuar com interesse e atenção nas conversas;
- Produzir textos, individual e coletivamente, com uma sequência lógico-temporal;
- Identificar relações de causa e consequência;
- Identificar o assunto e o tema principal de um texto;
- Reconhecer os elementos estruturais de textos em versos;
- Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor do texto;
- Identificar a finalidade de um texto;
- Ler com fluência diferentes gêneros discursivos;
- Valorizar a literatura em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade;
- Reconhecer a estrutura da narrativa;
- Elaborar diferentes tipos de representação dos elementos e estruturas da superfície terrestre;
- Localizar em mapas temáticos as características naturais e humanas do município do RJ;
- Caracterizar o quadro natural do município do Rio de Janeiro;
- Identificar no Estado do RJ marcas de contribuições culturais e econômicas de grupos de diferentes origens;
- Reconhecer a presença das culturas dos povos indígenas e quilombolas remanescentes no estado do RJ;
- Conhecer particularidades das culturas de outros estados do RJ;
- Identificar os processos de formação de diferentes culturas e povos, relacionando-os ao espaço geográfico da cidade do RJ;
- Compreender o papel de diferentes culturas e religiões na formação do povo carioca;
- Valorizar o respeito à diversidade, à pluralidade aos direitos humanos, buscando formas de aplicação desses pressupostos em sua vida social e escolar;
- Compreender o conjunto dos direitos humanos como uma conquista histórica capaz de garantir dignidade a inúmeros povos e culturas, no Brasil e no mundo;
- Identificar os componentes marcantes da memória coletiva e social na cidade do RJ;
- Identificar os componentes marcantes da memória coletiva e social na cidade do RJ;
- Discutir a presença /ausência de grupos sociais dos marcos de memória mais difundidos nos principais meios de comunicação e informação;
- Comparar o uso de diferentes linguagens de comunicação usadas no passado e no presente, identificando as mais usadas em seus locais de vivência;
- Mapear os principais patrimônios materiais e imateriais da humanidade existentes na cidade do RJ;

- Identificar diferentes formas de marcação do tempo histórico, com destaque para os povos originários e os povos descendentes do continente africano.

Período de realização:
Anual

Palavras-chave:
Negritude; Indígenas; Potências; Resistência.

Relato da prática:
Narrativa a seguir

Resultados/impactos observados:
Nossas crianças hoje sabem contar a verdadeira história da invasão do território brasileiro e reconhecem em si mesmas e em suas ancestralidades o valor de terem resistido, bem como a tentativa (que perdurou massivamente por muitos séculos) do apagamento/desvalorização que ainda estão presentes em nossa sociedade.

Páginas da prática/projeto na internet:
Instagram do Ciep Tancredo Neves

Referências bibliográfica:

ALVES, N. Decifrando o pergaminho - os cotidianos das escolas nas lógicas das redes educativas. In ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

FRESQUET, Adriana. Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Negritude – Usos e sentidos –Ed. Autêntica. 2009.

Guia: Educação para as relações étnico-raciais - Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro - 2024

Rio Educa – Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro - 2024

ROSA, R. Do arco e flecha ao berimbau. Editora e Ano.

Registros da prática:
Fotografias

Aspectos gerais:

Potencial de escalabilidade (o quanto pode ser replicável em outros contextos pedagógicos, sociais, territoriais):

Por serem práticas que emergiram do contexto territorial e artístico nacional, acreditamos que a escalabilidade pode atingir 100%.

Relação da proposta com o projeto político pedagógico da escola e o tema da escola foi identidade:

O Projeto Político da escola contempla o desenvolvimento da identidade de nossos estudantes, bem como uma educação antirracista.

Impactos da proposta identificados no desenvolvimento do público:

Mudanças de atitudes. Para exemplificar, em visita ao Museu da República, a estudante Aysha fez o seguinte apontamento: - “não há negros nos quadros pintados que estão na parede”. Não é preciso dizer que essa observação rendeu uma potente roda de conversa.

Potencial mobilizador da comunidade (escolar e ou territorial):

A comunidade observou a mudança de comportamento das crianças e participou ativamente das diversas exposições de trabalhos criados pelos estudantes, bem como a valorização dos trabalhos dos amigos.

Proposição criativa e originalidade da proposta:

Para cada ação proposta, conversamos a respeito para que as mesmas fossem únicas e inovadoras. Elas não estão presentes nas orientações de nossos livros didáticos e foram criadas a partir de anos de práticas como professoras.

Aspectos específicos: presentes na narrativa das práticas.

Alicerce em princípios teórico-metodológicos próprios da EREER

Articulação com os documentos orientadores e normativos da EREER

Articulação com a realidade social dos estudantes

Assegurar efetivamente o protagonismo do estudante

Narrativa das práticas

“As Candances”

Peço permissão à nossa ancestralidade para dar o nome de “As Candances” as nossas práticas. Como elas, gostaríamos que nossas práticas desempenhassem importante papel na sociedade e na política e fossem conselheiras de nossos estudantes, pares e toda comunidade escolar.

Iniciamos o ano de 2024 com o projeto anual escolar que abordava “Identidade, Território e Cultura” em consonância ao aprendizado e vivência das Leis 10.639/03 e 11645/08 que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

Por acreditar que o percurso formativo precisa ser constante, principalmente nas questões da ERER, apresentamos nosso cotidiano na sala de aula e para além dela. Por isso, se desdobram em diversas ações e práticas e não somente em uma atividade.

Nossas práticas estão atreladas a projetos educativos com o entendimento de que somos mediadoras do processo e que o protagonismo da aprendizagem é do estudante. Sempre os encorajamos para conversas potentes, através dos “usos” - como nos diz Certeau (2017,p.87) -, uma arte muito antiga de “fazer com” todos os sentidos (visão, olfato, tato, paladar e audição – Alves 2008), no intuito de desenvolver o pensamento crítico de nossos estudantes. Buscamos fazer/pensar a partir de nossas práticas cotidianas.

Para Munanga, “os que pensam que a situação do negro no Brasil é apenas uma questão econômica e não racista, não fazem esforço para entender como as práticas racistas impedem ao negro o acesso na participação e na ascensão econômica”(2009, p.19). Dessa forma, faz-se urgente uma educação antirracista e que valorize a identidade, pois para ele:

“a recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude, antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade.”(2009,p.19)

Pensando nisso, nossa primeira prática foi direcionada ao “**Autorretrato**”. Quem somos Nós? De onde viemos? Onde vivemos? O que desejamos para nossos futuros? E muitos outros questionamentos valorizando o fato de que somos um povo miscigenado oriundo dos povos indígenas, africanos e europeus. Após rodas de conversas, exibição de curtas da produtora Raízes do Brasil que apresenta "Os africanos", "Os indígenas" e "Os portugueses", além de outros encontrados na rede que expressam como foi o processo de invasão do território brasileiro, buscamos valorizar a história, com diversos questionamentos, tais como: Quem eram os escravizados? Como aconteceu esse processo? Qual era o objetivo do europeu? Por que a beleza dos traços étnico-raciais não foi valorizada? Por que houve o apagamento dessa beleza por tantos anos? Quais eram as expressões racistas que não são mais aceitas? Só então partimos para a representação através de desenhos de nós mesmos. Realizamos murais com as imagens criadas pelas crianças e utilizamos os lápis de cor de pele para elucidar nossa diversidade e verdadeiramente nos representar. Nós professoras, também nos incluimos nessa atividade.

Realizamos murais com as imagens criadas pelas crianças e utilizamos os lápis de cor de pele variados para elucidar nossa diversidade e verdadeiramente nos representarem. Nós professoras, também nos incluimos nessa atividade.

Nesse viés, conversamos a respeito dos territórios, principalmente o habitado pela maioria, que é a favela. Dessa forma, utilizamos o livro infantil “**Maria Preta**” que foi apresentado aos estudantes na biblioteca do bairro. Esse livro aborda uma árvore centenária no alto da favela que é testemunha de tudo que ocorre nesse lugar. A bibliotecária apresentou o livro e conversou sobre sua vivência em favelas, escolas públicas e sua trajetória na universidade também pública. Essa conversa proporcionou uma troca de informações do quanto é possível chegar a esse lugar, embora tenha sido explanado as muitas dificuldades para ter esse acesso e essa ascensão. Hoje ela é a primeira pessoa da família formada em nível superior e concursada pública, o que, para

ela, a torna uma pessoa feliz e realizada com suas conquistas. A visita à biblioteca foi uma parceria idealizada com a professora Fernanda Paschoal da sala de leitura. A mesma esteve conosco em vários momentos do ano. Grande parceira!

Em seguida realizamos a atividade de **criação de maquetes**, ainda dentro da atividade Maria Preta, conversando a respeito das maravilhas culturais das favelas: sons, cheiros da culinária, ritmos, as relações de apoio, as artes e muitas outras manifestações culturais artísticas e de solidariedade presentes em uma comunidade rica de conhecimento e potencialidades.

Pertencendo ao conceito do contexto de território, realizamos uma visita ao Museu da República para conhecer a obra do **grafiteiro Marcelo Ment**. Ele possui várias obras na comunidade Santo Amaro e as crianças o conheciam. Foi um momento ímpar pela ocupação do espaço artístico do museu, pois muitos só conheciam o parque e não se sentiam autorizados a conhecer as partes internas do museu. Conversamos a respeito da ocupação de espaços públicos para nos apropriarmos do “público” que é nosso. Valorizamos a arte do Marcelo que surge primeiramente nas ruas e emerge para grandes galerias. Conversamos a respeito das potencialidades dos artistas.

Nossa próxima arte foi a poesia e trouxemos para a escola a **poetisa Vanessa Oliveira**. Já tínhamos apresentado o gênero poesia através da obra da mesma e as crianças realizaram suas próprias escritas. Importante ressaltar que nossa educação antirracista perpassa a dor de uma violenta invasão em nosso território que deixou marcas profundas até os dias atuais, mas também gostamos de enfatizar a resistência e as joias que foram forjadas nesse processo de apagamento e destruição e Vanessa Oliveira, com certeza é fruto de uma resistência fecunda que honra a sua ancestralidade. São muitas personalidades negras e indígenas que habitaram nossas salas de aula impregnando o imaginário das crianças com heróis verdadeiros que emergiram do povo.

Vanessa Oliveira foi muito carinhosa e generosa com as crianças. Passamos a manhã juntas e ela nos contou sua história de vida, leu outras poesias escritas por ela, e as crianças puderam realizar perguntas. Tudo aconteceu no ambiente da sala de leitura em uma grande roda.

Então chegou a vez de nosso **artista Heitor dos Prazeres**. Suas obras e trajetória estão presentes no nosso maravilhoso livro Rio Educa e dizemos com orgulho que esse livro é potente e nos auxilia de forma marcante em nossa educação antirracista. Para esse trabalho, fizemos a releitura da obra de Heitor elaboradas pelas crianças.

Posteriormente, apresentamos **Lazzo Matumbi**, cantor, compositor e artista brasileiro, um dos expoentes da música negra baiana oriundos do bloco Ilê Aiyê que é considerado uma das vozes mais marcantes da música baiana. Outra expoente musical foi **Elza Soares**, mulher negra com uma das vozes mais potentes e lindas que ecoaram em nosso Brasil. Na sequência, apresentamos **Lázaro Ramos e Taís Araújo**, artistas consagrados brasileiros. Ele cunhou a expressão deguindacho, mistura de dengo com cacho. Os artistas despertaram a busca do conhecimento pelas crianças para conhecer outras histórias brilhantes negras e apresentamos a eles a coleção de livros oferecida pela prefeitura com biografias de personalidades negras nacionais e internacionais.

Atuamos com a valorização do território pertencente ao povo indígena e desenvolvemos atividades de visita aos arredores de nossa escola que originalmente eram território da **aldeia Tupinambá**. Fizemos jogos com palavras indígenas que estão inseridas em nosso cotidiano e estudamos a trajetória do rio Carioca que deságua na baía da Guanabara. Visitamos o local da foz desse mesmo rio e tivemos a parceria de

uma historiadora que realizou a visita guiada conosco. Criamos histórias e desenhos a partir da leitura do livro histórias de índio de **Daniel Munduruku**.

Nosso trabalho é pautado em projetos educativos, como dissemos anteriormente, e nosso maior desejo é que as crianças sejam instigadas a quererem saber mais! Acreditamos que eles podem e devem formular questionamentos a respeito de qualquer assunto e buscar o aprendizado com sentido para a vida. Nós, como dissemos no início, somos mediadoras desse conhecimento e estamos atentas às diversas formas de promover essa busca pelo conhecimento através do uso da Arte, da Tecnologia, da Matemática, da Engenharia e das Ciências. São os usos do **STEAM** (Science, Technology, Engineering, Arts, Math), sigla em inglês tão valorizada pela cúpula da Educação Municipal no Rio de Janeiro.

Dando continuidade a nossas práticas, realizamos uma coreografia impactante na Flit. A música trabalhada foi “**Principia**” do **Emicida**. Momento de muita emoção, pois a letra nos faz pensar sobre as potências e dores do povo brasileiro. No mesmo evento, lemos o livro “Do arco e flecha ao berimbau” de **Rui Rosa**. Dialogamos a respeito dele e recriamos os desenhos sobre uma das ilustrações presentes no livro. Chamamos essa prática de “**Os pássaros**”.

Retomando o conceito de território do início do ano, as crianças elaboraram desenhos, realizaram fotografias e escritas sobre os territórios que habitam. A essa prática nomeamos de **Favela**.

Importante registrar que ao longo do ano foram exibidos vários filmes com protagonismo negro e indígena. Foram Curtas e Longas metragens com propósitos pedagógicos e rodas de conversa ao final de cada exibição. Em nossas rodas conversamos a respeito da história, do território, da cultura, dos acontecimentos marcantes e sobre as mensagens que os filmes transmitem. Dentre os filmes de longa metragem, temos: Tainá, Pantera Negra, Wakanda para sempre, Moana, Maribel etc. Entre os curtas, “O senhor do trem”, Hair Love e outros. Em “O senhor do trem” conversamos mais uma vez sobre ancestralidade, a riqueza do samba, a história de como ele surgiu, a resistência do povo africano etc. Por fim, realizamos trabalhos para serem expostos pela escola. Adriana Fresquet nos provoca afirmando que a arte provoca fissuras: “Arte não obedece, não repete, não aceita sem questionar. Arte reclama, desconstrói, resiste” (Fresquet, 2013, p.40).

Além de todas essas práticas, importante salientar que nos valem de grande acervo literário de ERER. Livros infanto-juvenis que trouxeram a representatividade da maioria de nossas crianças para o protagonismo das histórias.

E para encerrar o ano, apresentaremos outra coreografia de impacto com as músicas **Alma Negra** de **Yzalú** e o Samba Enredo da Mangueira de 2019: **História para ninar gente grande**. A dança encerra o ano nos fazendo pensar nas tristezas de uma invasão sangrenta e potências de uma cultura criativa, inteligente, solidária e resistente que se formou a partir de duras provas.

Sabemos que há muito, muito a aprender e dialogar. Sabemos também que a ERER deve ser cotidiana. Todo o processo vivenciado pelas crianças e professoras, transformaram a todos os envolvidos, inclusive a comunidade que viu as paredes da escola com muita produção artística e escrita sobre ERER. As crianças ampliaram autoestima e a potência de criação, crendo na sua beleza, inteligência, força e habilidades oriundas de seus ancestrais africanos e indígenas, em sua maioria. Conheceram histórias de um povo que se formou no território brasileiro e que soube

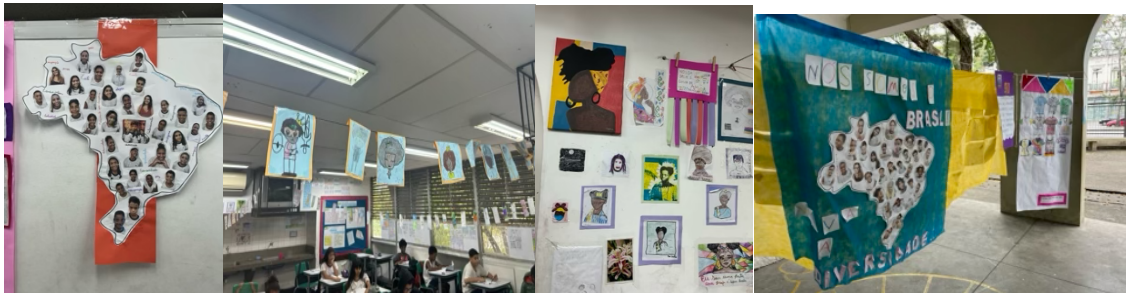
resistir e criar. De um povo herdeiro de guerreiros, reis, sábios, ferreiros, conselheiros, curandeiros...Onde muitas nações tinham a mulher como referência de liderança e sabedoria. Onde os indígenas são reconhecidos como os verdadeiros protetores da mãe terra e não sucumbiram ao capitalismo que assola o mundo.

A partir desse primeiro reconhecimento, as crianças desenvolveram o empoderamento pessoal e a confiança em seus posicionamentos e criações. Esperamos que esse tipo de trabalho receba a luz de nossa ancestralidade para que um dia tenhamos um país e um mundo com respeito, solidariedade e igualdade.

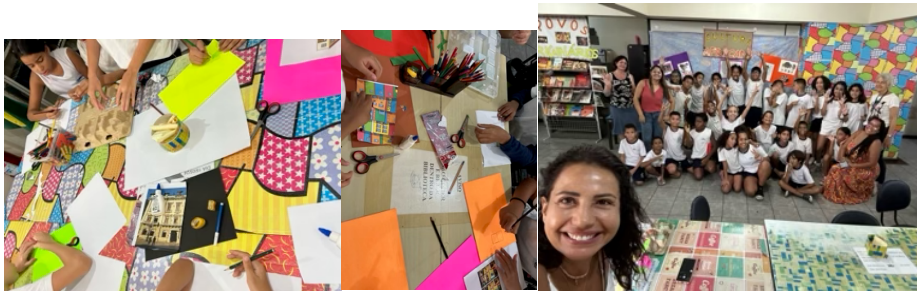
Sarah e Maria



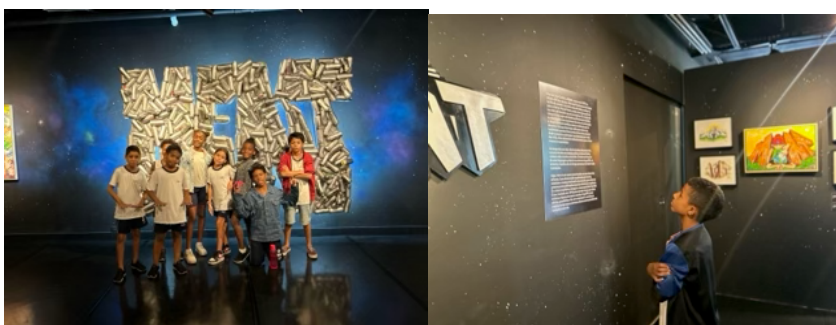
Autorretrato



Maria Preta e as maquetes



Exposição Marcelo Ment



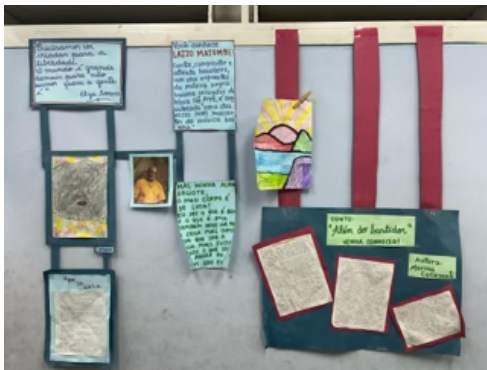
Vanessa Oliveira



Heitor dos Prazeres



Lazzo Matumbi e Elza Soares



Aldeia Tupinambá



Principia



Os Pássaros

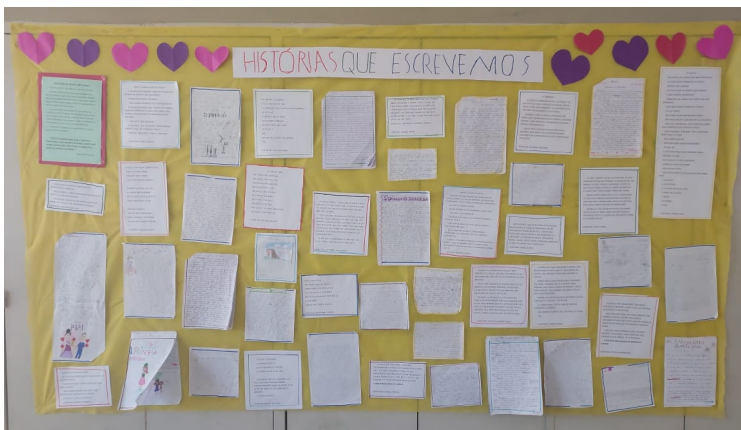


O senhor do trem

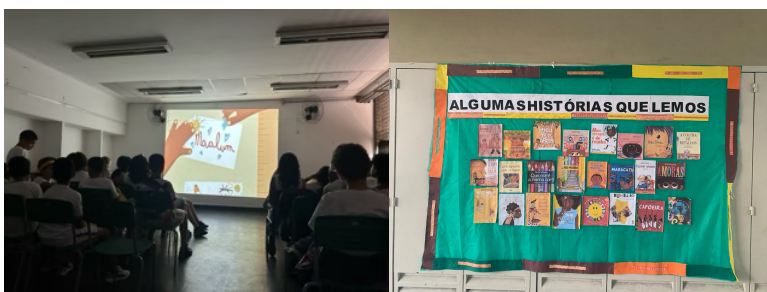


Favela





Filmes e Literatura infanto-juvenil



E esse foi o nosso ano! Porque juntos somos mais fortes!

